

Dimensões sociológicas e espaciais da violência urbana ligada ao mercado do tráfico de drogas em Londrina (Paraná)

Márcia Siqueira de Carvalho¹

Resumo

Buscou-se entender determinados processos sociais como subsídios para a compreensão dos fenômenos territorializados no âmbito da violência. Fatores macro, meso e micro sociais foram identificados, assim como escalas espaciais pertinentes ao mercado do tráfico de drogas. A parte empírica foi desenvolvida utilizando pesquisas cujo objeto principal foram mortes, número e distribuição espacial de delitos e valores entre jovens na cidade de Londrina, no estado do Paraná.

Palavras-chave: Violência Urbana, Londrina, Sociologia.

Introdução

Para a Geografia entender o fenômeno da violência é necessário um diálogo com a Sociologia, que pode auxiliar na discussão teórico-metodológica a partir da estrutura sociológica tridimensional desse fenômeno, com diferentes níveis de explicação (Briceño-León, 2005, p. 1633-40), a exemplo do que vem realizando um grupo de pesquisadores venezuelanos participantes do Laboratório de Ciências Sociais - LACSO.

A ótica do geógrafo está em buscar no espaço geográfico, através de diversas categorias que tratam da espacialidade dos fenômenos, as escalas de suas ocorrências, a inter-relação entre eles, e as suas diversas temporalidades. Os processos sociais estão na base para a compreensão desse espaço, embora eles não sejam o objeto da Geografia.

A estrutura sociológica dos níveis de violência

De acordo com Briceño-León (2005)¹, a primeira estrutura abrange o processo social mais geral (macro) e sua temporalidade é mais longa. Nela se encontram os fatores que atingem a sociedade como um todo, cujos resultados são difusos e generalizados. Dificilmente se poderá fazer uma associação imediata com o comportamento violento, não sendo determinante no sentido de que a violência obrigatoriamente deverá acontecer, mas deve ser considerada como “primeira causa” e conjunto de circunstâncias que são mais difíceis de serem modificadas. Nessa estrutura estão presentes as discussões sobre a desigualdade de oportunidades entre as

¹ Pós-doutora em Geografia Humana, docente do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. Projeto Geografia da Violência Urbana em Londrina (PROPPG/Uel). marcar@uel.br

peças que moram nas cidades, a distribuição desigual de renda que escreve no espaço urbano os espaços da exclusão e que concentram ao mesmo tempo maior riqueza e maior pobreza. Também é nessa esfera que ocorreram as relações entre emprego (e desemprego) e escolaridade (e evasão escolar), embora não obrigatoriamente haja mais emprego a partir de maiores taxas de escolarização (leiam-se matrículas). O desemprego atinge os jovens, em especial os do sexo masculino e o gargalo existente entre vagas existentes entre o ensino fundamental e o médio é uma variável a ser considerada nesse contexto, pois fora da escola e sem emprego eles ficam mais expostos aos ambientes violentos. Eles têm os mesmos desejos de consumo de outros adolescentes, embora não tenham condições de realizá-los. O controle social exercido pela família ou pela religião vem sendo substituído pelas aspirações da sociedade de consumo, num contexto em que o papel socializador da mãe e a autoridade do pai vêm perdendo a importância nas famílias mononucleares ou que perderam a figura paterna². O enfraquecimento da religião deve ser visto como o afastamento do cumprimento de regras próprias da não violência (não roubarás, não matarás), apesar da religiosidade não impedir seus seguidores de sofrerem a violência. Pesquisas que têm como objeto esse nível estrutural poderão fazer associações bastante gerais, não dando conta das especificidades, em explicar porque alguns e não todos.

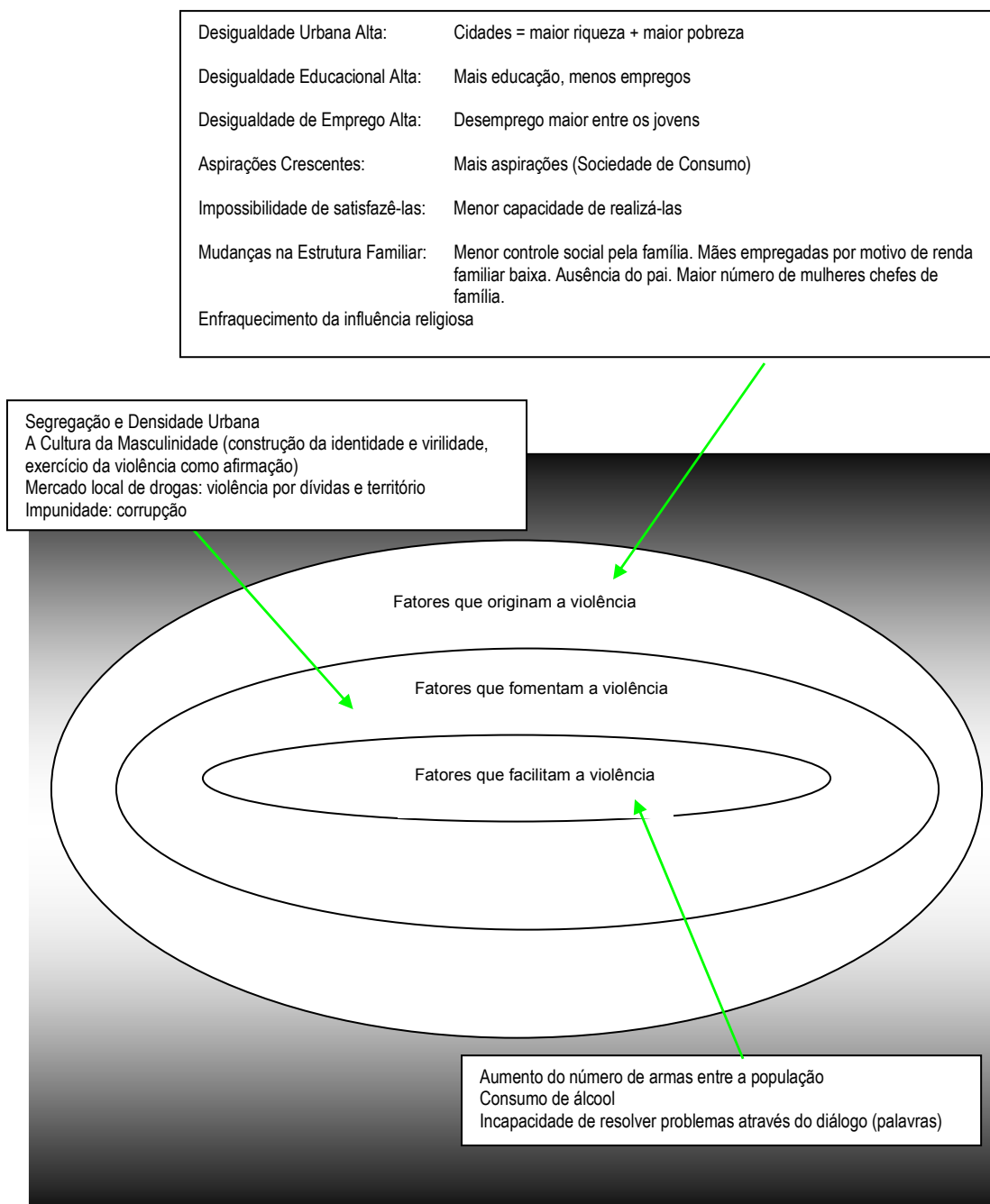
Ainda de acordo com o autor supracitado, o segundo nível abarca aspectos meso-sociais os quais envolvem a cultura e a situação (características relativas à qualidade do espaço geográfico) que influem sobre o comportamento dos indivíduos e comunidades, fomentando a violência cuja modificação é mais fácil do que a estrutura anterior. É nesse nível que cabe a discussão dos territórios ocupados (ou dominados) por relações sociais de violência, como os do mercado do tráfico de drogas ou de milícias ou para-militares. Ainda, a queda nas rendas das famílias dificulta a reforma das residências ou sua manutenção, além da limitação do espaço físico dos terrenos à medida que a família se multiplica com os casamentos e a vinda dos netos, o que provoca o crescimento vertical das habitações. Lugares densamente povoados e precariedade de infra-estrutura, somados à violência perdem valor no mercado imobiliário, reforçando o estabelecimento de novos habitantes igualmente ou mais pobres. Favelas, com becos e vielas, assim como o fator topográfico (morros), parecem ser mais facilmente controláveis por grupos criminosos e a defesa do terreno mais fácil à ação da polícia. *Barrios* da Caracas venezuelana (Briceño-León, 2005, p. 1640) e favelas cariocas podem ser exemplos dessa especificidade do espaço geográfico. Os números desiguais quanto ao gênero quando se trata das mortes de jovens leva os sociólogos a incluir em seus estudos a cultura da masculinidade e da virilidade. Atitudes que evitam o conflito são tidas como atitudes femininas, ainda mais numa sociedade machista na qual os adolescentes passam por

uma fase de identificação e definição de papéis. A exposição aos riscos acaba se tornando uma espécie de ritual de masculinidade, exacerbada nos ambientes violentos em ritual de passagem da infância à fase adulta. Embora ficção, numa cena do filme Cidade de Deus um menino afirmava ser adulto porque já havia matado, representando a imagem desse rito no tráfico de drogas. A violência também está associada em conseguir o respeito dos demais num ambiente em que jovens e pobres desempregados têm poucas chances de usufruir da sociedade de consumo como os que têm maiores níveis de renda. O mercado de drogas é essencialmente violento porque o pagamento dos pequenos traficantes é feito sem demora. Caso o consumidor ou o pequeno traficante faça dívidas, há a execução. Além disso, diante de um crescimento de consumidores ocorre a disputa pelo território ou sua ampliação, levando às brigas entre grupos (gangues) de diferentes traficantes. A corrupção é outro fator que fomenta a violência em especial quando parcelas do Estado que deveriam impedir o crime acaba fazendo parte dele, extorquindo, fornecendo armas ou facilitando fugas. A estrutura criminoso ao apoiar financeiramente e juridicamente seus *empregados* ocupa o vácuo do Estado e da família, criando dialeticamente uma rede social de proteção, apesar de violenta. Bailes funks no Rio de Janeiro, por exemplo, são organizados com o objetivo de *marcar presença* territorial e oferecer festas e local de promoção de determinado traficante. Pode-se observar que o mercado do tráfico de drogas é essencialmente territorial, mas com características *sui generis*: oferece regras de comportamento nas áreas onde domina (favelas, morros) aplicando uma justiça violenta aos transgressores (ladrões, estupradores, etc.) e controladora do tempo dos moradores (toque de recolher) e do lugar (proibição de frequentar locais de outros traficantes). Talvez não seja correto chamarmos isso de coronelismo urbano, mas há semelhanças pelo mandonismo local, autoritarismo, impunidade e controle de votos nas eleições.

O terceiro nível diz respeito aos fatores micro-sociais (facilitadores da violência) característicos da natureza mais individual e que devem ser considerados como associações do que causalidades. Neste nível pelo menos duas campanhas vêm sendo desenvolvidas, em relação ao recolhimento de armas de fogo e restrição às bebidas aos motoristas. Anteriormente podem ser destacadas as às leis aprovadas por câmaras municipais de algumas cidades sobre o fechamento dos bares a partir de determinado horário durante a noite. O terceiro fator diz respeito à incapacidade de resolver problemas através das palavras, o que gera respostas violentas e agressivas (Figura 1).

Todas as três instâncias sociais subsidiam a composição dos panoramas diversos entre cidades distintas. Cabe ao geógrafo utilizá-las na análise dos distintos espaços, em especial, o urbano.

Figura 1. A estrutura sociológica dos níveis de violência.



Organizado por: Carvalho, M. S. a partir de Briceño-León (2005).

Mercado do tráfico de drogas: escalas, violência e jovens em Londrina

Pode-se considerar que as redes do ilícito no âmbito espacial classificadas em três escalas - planetária, metropolitana e intra-urbana – a partir da situação do tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro (SOUZA, 2002, p. 438) se aplicam à cidade de Londrina, apresentando algumas peculiaridades.

Sua população é majoritariamente urbana e a ampliação da área urbana pode se caracterizar de modo geral na fase inicial de formação do centro a partir da década de 1930, ampliação na direção norte na década de 1970 com a construção de conjuntos habitacionais com vazios intermediários, crescente verticalização na década de 1980 de modo difuso na região central e mais recentemente, ocupação através da construção de condomínios verticais e horizontais na direção sul. A construção de conjuntos habitacionais na década de 1970 coincidiu com a erradicação de algumas favelas, e as ocupações irregulares mais antigas receberam infraestrutura na década de 1980 e 1990. Apesar disso, no cenário atual da cidade há novas ocupações irregulares nos fundos de vale e são estes os locais os mais vulneráveis à violência (CARVALHO e ZEQUIM, 2005).

A cidade está inserida na região metropolitana de Londrina (PARANÁ, 2008) criada em 1998. A RML³ é formada pelos municípios de Bela Vista do Paraíso, Cambé, Ibiporã, Jataizinho, Londrina, Rolândia, Sertãoópolis e Tamarana, divisão é administrativa que carece de estudos sobre as relações nos mais variados níveis para caracterizar os fluxos, hierarquias e influências entre seus municípios.

A proximidade da região das Três Fronteiras (Brasil, Argentina e Paraguai), em especial aos locais atravessados por redes de contrabando tem contribuído para que a cidade deixasse o estágio de ponto de passagem e consumo para o de produção (refino de crack e cocaína) e ampliação do consumo na cidade.

Em pesquisa em curso tendo como foco esta cidade paranaense, revelou-se uma crescente violência cujos crimes estão associados ao mercado do tráfico de drogas, além de existir uma relação com os crimes de roubo, arrombamento, furto e agressão praticados por jovens. São também os jovens os principais atingidos pela violência letal praticada pelas dívidas e disputas do tráfico de drogas. Três trabalhos permitem essa afirmação.

Zequim (2004) identificou que entre 1994 e 2000 na cidade de Londrina, os acidentes de transportes eram o principal responsável por mortes de causas externas, seguidas dos homicídios. A readequação viária, contratação e capacitação de agentes de trânsito e melhoria do atendimento por equipes de paramédicos e médicos do Serviço Integrado de Atendimento ao Trauma em Emergência (SIATE) no local do acidente, permitiram que o número de mortes

O terceiro trabalho, um levantamento junto aos menores infratores (CIAADI), revelou uma associação muito forte entre a ação de atos ilícitos e o consumo de drogas, sendo que são esses jovens que compõem o quadro dos assassinados na cidade (LINHARES, 2007).

Majoritariamente esses atos violentos ocorrem em áreas públicas dos quais as crianças e jovens ao mesmo tempo praticam e sofrem, particularmente quando há mortes por dívidas ou disputa territorial que se reflete em óbitos nas proximidades de suas residências. Também são nas áreas públicas que os jovens e crianças se drogam, cometem roubos e vivem (i.e. o Calçadão na área central, na principal área de lazer da cidade – Zerão). Grande parte das crianças que vivem nas ruas tem família, mas elas se recusam a voltar para suas casas, locais de conflitos e agressões.

O espaço das escolas públicas da cidade também vem se mostrando uma zona de conflitos que desafiam a atividade pedagógica, demonstrando a sua inclusão na territorialidade da violência. Os episódios acontecidos nas escolas de ensino fundamental e médio – furto de equipamentos, brigas entre alunos, presença de armas em sala de aula, rixas dentro ou nas proximidades das escolas – indicam que há um enraizamento dessas relações sociais violentas além dos locais de venda nas favelas e assentamentos urbanos. Daí entendermos que o fenômeno de mortes violentas entre os jovens ligados ao tráfico se apresente em locais além dos limites municipais, mas em áreas quase contíguas no município vizinho de Cambé (CARVALHO, 2008).

De acordo com os resultados de outra pesquisa realizada entre os menores infratores destaca-se um círculo vicioso. No universo de 109 entrevistados entre 12 e 19 anos predomina a escolaridade baixa (só o ensino fundamental) e entre os motivos do abandono escolar estão “por causa do crime” e a perda da vontade de estudar. O principal motivo citado para o ingresso no tráfico de drogas é o “jeito mais fácil de conseguir dinheiro”. Movidos pelo desejo de consumo (60,65%), baixa escolaridade e desestímulo para a retomada dos estudos, esses jovens não raro afirmam um fatalismo de que não sabem se vão sobreviver por muito tempo (SANTOS, 2008).

Conclusão

Nas ruas, praças e escolas podem-se identificar várias associações de diferentes níveis das estruturas sociológicas anteriormente citadas, como a formação de gangues no processo de formação de identidade e virilidade e o mercado local de drogas (fomentadores da violência). O comportamento e as regras violentas da territorialidade do mercado do tráfico potencializam a incapacidade de resolver conflitos pelo diálogo, citado entre os fatores facilitadores da violência, que deveria ter o seu lócus de aprendizado no ambiente familiar. Como isso não vem acontecendo, as dificuldades também não estão sendo resolvidas no

exercício cotidiano do ambiente escolar. Na estrutura sociológica mais geral, entre os fatores que originam a violência, os valores culturais (desejos de consumo e a incapacidade de realizá-los) têm uma relação destacada com a questão escolar.

Na escala intra-urbana da cidade se distingue a trama de territorialidades que ora superpõe agentes distintos com interesses diversos, numa lógica ditada de fora da sua espacialidade. Grupos formados cujas atividades ilícitas estão sediadas fora da cidade buscam fincar raízes de seus negócios, e a atuação na escala espacial infra-urbana parece ter como metas os consumidores e a formação de uma rede de distribuição entre os jovens. As aspirações dos jovens são comuns e seus desejos de consumo também, em decorrência dos valores da sociedade do consumo. A renda é o fator diferenciador dos devedores (nem sempre consumidores) e o sentimento de pertencimento ao grupo como pré-condição de status traz uma contradição perversa e vital. Para o jovem entram em jogo status e poder econômico numa sociedade em que ele ocupa o lugar desprestigiado por não ter as condições necessárias para ter rendimento (desemprego ou emprego com baixa remuneração) ou reconhecimento social. Quanto mais fácil for a possibilidade de ampliação do tráfico, seja pela debilidade de controle de fronteiras, seja pelo grau de corrupção policial, ele buscará entre os jovens desempregados os futuros pequenos comerciantes e entre os jovens com renda os prováveis consumidores.

Referência:

- BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Urban violence and public health in Latin America: a sociological explanatory framework. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21(6):1629-1664, nov-dez, 2005.
- CARVALHO, Márcia Siqueira. Violência Urbana: breves considerações sobre a cidade de Londrina. **Scripta Nova**. Barcelona. 2008.
- CARVALHO, Márcia Siqueira de; ZEQUIM, Maria Angelina. Violência em Londrina: Mapeamento dos homicídios ocorridos na área urbana. In: **Anais do X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**, 2005, São Paulo: USP. v. 1. p. 1-25.
- LINHARES, Camila. **Violência urbana e adolescentes em conflito com a lei em Londrina**. Dissertação de mestrado. Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2007. Londrina. 190p.
- MARCHETTI, Márcio Catharin e ARCHELA, Rosely Sampaio. **Mapeamento das Infrações Cometidas Por Crianças e Adolescentes na Cidade de Londrina - PR no Período de 1999 – 2004**. Londrina: 2007. Relatório de Pesquisa. Bolsa PIBIC/CNPq. 14p.
- PARANÁ. Coordenação da Região Metropolitana de Londrina. Municípios Oficiais da COMEL. Online < <http://www.pr.gov.br/sedu/comel/municcomel.html>>. Acessado em 30 de out. de 2008.
- SANTOS, Zilma. Maioria dos 25 homicídios do ano tem ligação com o tráfico. **Jornal de Londrina**. Londrina. 25/02/2008. p. 4.
- SOUZA, Marcelo Lopes de . **Mudar a cidade**. Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- ZEQUIM, Maria Angelina. **Territórios da Ilegalidade e Muros Invisíveis em Londrina**: análise geográfica dos homicídios resultantes da violência urbana 2000 a 2002. Londrina, 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Estadual de Londrina.

¹ A estrutura tem três dimensões, representando três níveis distintos de explicação:

1) o nível estrutural se refere a um processo social de natureza de macro e apresenta uma gênese e persistência durante um período mais longo de tempo. Neste nível são referenciados os fatores que originam a violência a partir do caráter estrutural que tem uma influência na sociedade como um todo, proporcionando efeitos generalizados e difusos. Não é fácil identificar associações imediatas com as variáveis deste nível, mas determina uma transformação na sociedade que cria a base para o comportamento violento, mas não determina isso que isso necessariamente irá acontecer. Devido às suas características, estas circunstâncias são mais difíceis de serem modificadas, mas talvez por esta mesma razão sejam mais importantes como primeiras causas.

2) o segundo nível contém os aspectos meso-sociais, com raízes menos estruturais, representando assim a área onde a situação e cultura têm um efeito mais imediato sobre comportamento. Neste nível nós nos referimos aos fatores que fomentam a violência. Fatores deste nível podem encorajar e facilitar a violência, mas modificá-lo é mais simples que o anterior. O nível da liberdade dos indivíduos em relação a estes fatores é muito maior que no caso anterior.

3) o terceiro nível inclui fatores micro-sociais que nós também podemos chamar de facilitadores porque têm uma natureza mais individual e não podem ser considerados como causas, mas acompanham bastante os fatores e facilitadores para a passagem ao ato violento ou como responsável para uma ação letal. As conexões aqui são mais imediatas e as associações são mais fáceis de serem estabelecidas, porém eles indicam muito mais a associação do que a causalidade. (Briceño-León, 2005, p. 1633-40). Tradução por Márcia Siqueira de Carvalho.

² Crescentemente as famílias brasileiras vêm sendo chefiadas por mães trabalhadoras, cujos filhos se afastam das escolas e têm dificuldades em encontrar emprego no trabalho formal.

³ Ver em < <http://www.pr.gov.br/sedu/comel/municcomel.html>>